

# GONZAGA E PÚSHKIN

Pedro Sérgio Lozar

## Resumo

Da existência, entre os escritos de Alexandre Púshkin, da versão para o russo de uma Lira de Tomás Antônio Gonzaga. As hipóteses do seu aparecimento. Presença da literatura em Língua Portuguesa na Rússia do Séc. XIX.

## Résumé

A l'égard de l'existence, parmi les oeuvres de Alexander Pouchkine, de la version russe d'une poésie de Tomas Antônio Gonzaga. Les hypothèses de son apparition. Présence en Russie du XIX<sup>e</sup> siècle de la littérature en langue Portugaise.

Em 1855, Pável Vassilievitch Ánnenkov, crítico literário e memorialista russo, recolheu pela primeira vez dos papéis de Púshkin uma poesia, desde então referida nas edições de obras do poeta como "(tradução) Do Português", e que trazia a nota autográfica: "Gonzago" (sic).

Aleksánder Serguéievitch Púshkin (1799-1837) é o poeta nacional da Rússia, considerado como o fundador da sua moderna literatura.

É este o texto.

## С ПОРТУГАЛЬСКОГО

Там звезда зари взошла.  
Пышно роза процвела.  
Это время нас, бывало,  
Друг ко другу призывало.

На постеле пуховой.  
Дева сонною рукой  
Отирала сонны очи,  
Удаляя грезы ночи.

Дева издали ко мне  
Приближалась в тишине.  
Я, прекрасную встречая,  
Пел, гитарою бряцая:

"Девы, радости моей.  
Нет! на свете нет милей!  
Кто посмеет под луною  
Спорить в счастья со мною?"

И являлася она  
У дверей иль у окна  
Ранней звездочки светлее,  
Розы утренней свежее.

Лишь ее завиджу я.  
Мнилось, легче вокруг меня  
Воздух утренний струился:  
Я вольнее становился.

Меж овец деревни всей  
Я красавицы моей  
Знал любимую овечку —  
Я водил ее на речку.  
На тенистые брега,  
На зеленые луга:  
Я поил ее, лелеял.  
Перед ней цветы я сеял.

Versão literal:

Не завидую царям,  
Не завидую богам.  
Как увижу очи томны,  
Тонкий стан и косы темны”.

Так певал бывало ей.  
И красавицы моей  
Сердце песнью любовалось:  
Но блаженство миновалось.

Где ж красавица моя!  
Одинокий плачу я —  
Заменили песни нежны  
Стон и слезы безнадежны.

### Do Português

Lá ergueu-se a estrela da manhã;  
Esplêndida, a roseira floresceu.  
Esse momento, outrora,  
Chamava-nos um para o outro.

No leito de penugem  
A donzela, com sonolenta mão,  
Esfregava os olhos sonolentos,  
Afastando os sonhos da noite.

E ela aparecia  
À porta ou à janela  
Mais clara do que a primeira estrela,  
Mais fresca que a rosa da manhã.

Mal eu a avistava,  
Parecia que em volta de mim  
Mais leve fluía o ar matinal;  
Eu ficava mais livre.

Entre as ovelhas de toda a aldeia,  
Eu, da minha bela,  
Conhecía a ovelhinha predileta -  
Conduzia-a ao regato,

A donzela, de longe,  
Avizinhava-se em silêncio;  
Eu, encontrando a bela,  
Cantava, tangendo a guitarra:

“Do que a donzela, minha alegria,  
Não! no mundo não há mais encantadora!  
Quem ousará, sob a lua,  
Rivalizar comigo em felicidade?”

Não invejo os reis,  
Não invejo os deuses,  
Quando fito os olhos lânguidos,  
O fino talhe e as tranças escuras”.

Assim cantava-lhe eu, outrora,  
E da minha bela  
O coração deleitava-se com a cantiga;  
Mas a bem-aventurança passou.

Onde está a minha bela!  
Solitário eu choro -  
Trocaram-se as canções ternas  
Em gemidos e lágrimas sem esperança.

Lira IX

Às margens umbrosas,  
Aos verdes campos;  
Dava-lhe de beber, afagava-a,  
Espalhava flores à sua frente.

As circunstâncias do aparecimento desta poesia não são claras. Trata-se, indubitavelmente, de versão, ou mais exatamente recriação da Lira IX, da 2ª Parte do livro *Marília de Dirceu*, que a seguir reproduzimos.

Lira IX

A estas horas  
Eu procurava  
Os meus amores;  
Tinham-me inveja  
Os mais pastores.

A porta abria,  
Inda esfregando  
Os olhos belos,  
Sem flor nem fita  
Nos seus cabelos.

Ah! que assim mesmo  
Sem compostura,  
É mais formosa  
Que a estrela d'alva,  
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,  
Um ar mais leve  
- Que doce efeito! -  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cerco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe amimava  
Aquela ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre,  
No rio e fonte,  
No prado e selva,  
Água mais clara,  
Mais branda relva.

No colo a punha;  
Então, brincando,  
A mim a unia;  
Mil cousas ternas  
Aqui dizia.

Marília, vendo  
Que eu só com ela  
É que falava,  
Ria-se a furto  
E disfarçava.

Desta maneira,  
Nos castos peitos  
De dia em dia  
A nossa chama  
Mais se acendia.

Ah! Quantas vezes,  
No chão sentado,  
Eu lhe lavrava  
As finas rocas  
Em que fiava!

Da mesma sorte  
Que à sua amada  
Que está no ninho,  
Fronteiro canta  
O passarinho,

Na quente sesta,  
Dela defronte,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ela, por dar-me  
De ouvir o gosto,  
Mais se chegava;  
Então, vaidoso,  
Assim cantava:

Ornam seu peito  
As sãs virtudes  
Que nos namoram;  
No seu semblante  
As graças moram.

Não há Pastora  
Que chegar possa  
À minha bela,  
Nem quem me iguale  
Também na estrela.

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco pelto,  
Eu não invejo  
De Jove o leito.

Assim vivia;  
Hoje em suspiros  
O canto mudo:  
Assim, Marília,  
Se acaba tudo!

Não se sabe por qual meio chegou a lira de Gonzaga às mãos do poeta russo. Uma das hipóteses é que Púshkin a conheceu através de uma *Collection des chefs-d'oeuvre classiques* (de que não pudemos obter qualquer notícia), sendo o francês, à época, difundido como língua literária e coloquial das classes cultas da Rússia. Outra suposição: Púshkin esteve, em 1823 e 1824, em Odessa, movimentado porto do Mar Negro, um dos lugares por onde andou, banido de Peterburgo por ordem do tsar Alexandre I mercê das suas idéias e atitudes de liberdade; teria, nessa estada, conhecido viajantes portugueses ou de língua portuguesa, e através deles a peça de Tomás Antônio Gonzaga, hipótese não invalidada pelo fato de a tradução, possivelmente, ter sido feita entre 1825 e 1827. Aventa-se, ainda, que Sobolévski, filólogo das relações de Púshkin, conhecedor da língua e da literatura portuguesas, lhe pudesse ter apresentado a lira e mesmo ajudado na tradução.

Mais provável, todavia - e o autor destas notas comunga

com tal parecer - é que o vate eslavo tivesse lido o livro *Marilie, chants élégiaques de Gonzaga* / Traduits du portugais par E. de Monglave et P. Chalas (C. L. F. Panckoucke, éditeur; Paris, 1825), primeira versão da obra de Tomás Antônio em idioma estrangeiro. Outras, que se lhe seguiram, como a espanhola de Vedia e a italiana de Vegezzi-Ruscalla, são muito posteriores.

Eis o texto francês, como está na edição citada, pág. 124:

Voici l'heure où naguère je cherchais mes amours; les autres bergers enviaient mon sort.

En entr'ouvrant sa porte, elle frottait encore ses beaux yeux. Pas de fleurs, pas de rubans à sa noire chevelure.

Sans art, sans apprêt, elle était plus brillante que l'étoile du matin, plus fraîche que la rose qui vient d'éclorre.

A peine je la voyais, qu'un air plus léger se repandait autour de moi, et mon coeur respirait plus librement. Quand le troupeau sortait du bercail, je couvrais de caresses la brebis qu'elle aimait le plus.

Je conduisais cette brebis favorite au ruisseau, à la fontaine, à la prairie, au bocage. Je lui donnais l'eau la plus claire, le gazon le plus épais.

Puis folâtrant avec elle, enlaçant mes bras à son cou plus blanc que la neige, je lui prodiguais mille tendres noms.

Et Marilie, me voyant ainsi parler seul, souriait à la dérobée.

La flamme dévorant s'augmentait chaque jour dans mon coeur et dans celui de ma bergère chérie.

Que de fois assis auprès d'elle je façonnais la quenouille légère que je lui destinais!

J'étais comme l'amoureux passereau qui chante près du nid de son amante.

Dans les chaleurs de l'été, m'entretenant avec elle, je frappais négligemment les cordes de ma guitare.

Marilie s'avançait vers moi; j'entendais le son de sa voix divine. Joyeux alors je chantais:

"Non, il n'est pas de bergère aussi tendre que Marilie, il n'est pas d'étoile aussi heureuse que la mienne.

"Lorsque je m'incline sur son coeur brûlant d'amour,

je ne porte pas envie à la couche divine où repose le maître de l'Olympe.

"Dans son âme sont toutes les vertus; sur son visage toutes les grâces."

Ainsi coulaient mes jours. Les tristes soupirs ont maintenant remplacé les chants de bonheur et d'ivresse. Tout passe, Marilie!

O trabalho trazia ainda um estudo biográfico do poeta luso-brasileiro.

François Eugène Garay de Monglave, por pseudônimo Maurice Dufresne, que teve questionada a autoria de algumas das suas produções, publicou uma série de obras sobre o Brasil, as quais atraíram interesse também na Rússia; denota isso o artigo do jornal peterburguense *Sin Otétchestva* (O Filho da Pátria), com o título *Literatura Brasileira*, onde se lê: "Graças aos esforços do sr. Monglave, os escritores brasileiros e portugueses constituem agora um novo elo na grande cadeia da literatura universal".

O interesse, de resto, havia já sido despertado independentemente de publicações estrangeiras. Entre outros fatos, em 1812 foi designado cônsul russo no Brasil Grigóri Ivánovitch Langsdorf (1774-1852), zoólogo, botânico, etnógrafo e lingüista, que comandou diversas expedições científicas no nosso país por conta do seu governo, com importantes resultados.

O primeiro embaixador da Rússia no Brasil, após a elevação da colônia à categoria de Reino Unido, P. F. Balk-Pólev, pertencia ao círculo de relações de Púshkin.

I. I. Kozlów, igualmente amigo do poeta, escreveu uma epístola dedicada a Balk-Pólev, de que, por curioso, transcrevemos isto:

Gosto, ainda, de imaginar como, findo o penoso caminho,

Tu ficaste cativo da beleza do Brasil de esmeralda,

Onde, em eterno arco-íris, brinca a abóbada dos céus,

E a floresta sombria se enche do brilho de aves maravilhosas,

O ananás de fogo vermelheja em campo aberto,

E a palmeira sobre a onda verdece como a alegria:

Do seu tronco é feita a canoa,

Das folhas, as velas, e para a viagem é carregada  
Com os próprios doces, perfumados frutos...

Com esta imagem edênica aparecia o exótico país aos olhos dos coevos.

Mencione-se ainda, entre outros, N. Zavalíshin, *Permanência no Rio de Janeiro. Notas de viagem de um oficial de marinha nos anos de 1826 e 1827.*

Lembre-mo-nos, outrossim, de que a independência do Brasil ecoou na longínqua Rússia, onde se seguia atentamente o processo de emancipação das colônias sul-americanas.

No que toca a Portugal, havia intercâmbio.

Sobolévski, que publicou em 1827, no "Mensageiro Moscovita" (*Moskóvski Véstnik*), matéria intitulada *Sumário da Literatura Portuguesa*, escreveu mais tarde um artigo com a singular epígrafe *Sobre a Influência do Bulevar Smolénsk (em Moscou) no Parlamento Português (em Lisboa)*. Denominando-se antigo aficionado da língua portuguesa, narra Sobolévski que em 1858 Inocêncio Francisco da Silva começara a publicar em Lisboa um "completo e pormenorizado dicionário bio-bibliográfico — trabalho notável pelas pesquisas do autor e pelo critério e escrúpulo". Quando em 1861 interrompeu-se a edição desse *Diccionario Bibliographico Portuguez* por insuficiência de recursos, Sobolévski expressou acerca disso o seu pesar em carta ao autor, à qual alude: "Tendo exposto em termos gerais a minha opinião quanto à importância do seu trabalho para portugueses e brasileiros, manifestei surpresa pela frialdade tanto dos governos quanto das câmaras desses dois países de língua idêntica com respeito ao empreendimento". Inocêncio Francisco da Silva mostrou a carta ao escritor Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos, que dela publicou trechos no jornal lisbonense *Revolução de Setembro*, exprimindo a esperança de que o governo reuniria a soma indispensável para continuar a publicação do *Diccionario* e assim poupar-se à vergonha provocada pelas justas exprobrações do ilustrado moscovita. Com efeito, dentro de alguns meses a Câmara Baixa do Parlamento de Lisboa debateu a questão por proposta do político e literato Joaquim Januário de Sousa Torres e Almeida e em poucos anos a edição foi concluída, e isto aconteceu, nota Sobolévski, "graças ao impulso dado ao assunto desde o Bulevar Smolénsk! Nos ocidentais, há tanto orgulhosos da sua cultura, atuou a repreensão feita pelo bárbaro moscovita".

E o que teria motivado o interesse de Alexandre Púshkin por Dirceu e pela sua poesia? São manifestas as afinidades entre os dois: contemporâneos, ambos poetas, ambos sofreram conseqüências da participação menos ou mais atuante em movimentos libertadores, ambos foram exilados e desunidos das amadas.

Um dos decembristas (implicados na rebelião contra o absolutismo, em dezembro de 1825, donde o nome), poeta, amigo de Púshkin, foi desterrado para a África, não tanto por cumplicidade na conspiração quanto por amizade com os envolvidos, entre os quais estavam também outros poetas.

É natural que essas coincidências atraíssem a simpatia do romancista de *Eugênio Onéguin* para Tomás Gonzaga.

Igualmente difícil é excogitar o motivo pelo qual Aleksánder Serguéievitch se deteve na Lira IX. Unicamente esta teria chegado até ele ou, entre outras, escolheu-a por alguma razão particular? O pesar da ventura perdida é característico da segunda parte de *Marília de Dirceu*; teria sido a que o tocou de maneira especial, se conheceu mais da obra. Agora, quanto a ser precisamente a Nona Lira a merecedora da preferência (tratando-se, ao que parece, da única vertida por Púshkin), temos esta opinião: de todas as peças da Parte II é a que mais lhe corresponde ao gosto pelas cenas da natureza. Em vez da sombria descrição do seu estado depois de preso, evoca o cantor de Marília lembranças risonhas e de puro bucolismo, e isso teria seduzido Púshkin.

São estas as hipóteses que procuram explicar a existência da lira de Dirceu entre as obras do poeta russo. E poder-se-ia afastar a conjectura de uma versão direta do português? Referem-se os especialistas ao rigor com que Púshkin empregava as palavras, atento aos mais sutis matizes; assim sendo, por que teria escrito "Do Português", se pelo menos não tivesse nas mãos o original, auxiliado embora por alguém ou pela versão francesa?

Contudo, inclina-se a maioria dos estudiosos a admitir que serviu de fonte a Púshkin o texto francês de Chalas e Monglave.

A respeito desta tradução ouçamos N. O. Lerner, um dos comentaristas de Púshkin: "...aparece aqui com os traços habituais de inspirado recriador, submetendo-se às imagens e ao temperamento alheios apenas no grau em que correspondem ao seu gosto estético e refinado senso de medida, e excedendo em muito o autor original".

Tal critério, adotado por Alexandre Púshkin nas traduções,

explica as digressões do seu texto, seja qual for a fonte de que se utilizou.

Interessante é notar que, nos trabalhos publicados na Rússia, em que se menciona esta lira, figura ela com o título *Recordações*.

Por ocasião do 220º aniversário de nascimento de Tomás Antônio Gonzaga (considerado "poeta brasileiro" pelos críticos russos), publicou a literata e tradutora I. A. Tiniánova o artigo *O meu coração é mais vasto que o mundo!* (do célebre verso "Eu tenho um coração maior que o mundo", da Lira II, 2ª Parte), e a seguir, na série Biblioteca de Poesia Latino-Americana, o livro *T. A. Gonzaga - Liras; Cartas Chilenas / Tradução do português por I. A. Tiniánova*.

Parte do material que serve de base a este artigo foi recebido da Universidade Estatal M. V. Lomonóssov, de Moscou. Agradecemos à Profª Marina Afanássievna Kossárik, do seu Departamento de Lingüística Ibero-Românica (atualmente titular da Cátedra de Camões), e à srta. Cibele Garcia, da cidade de Santos (SP), recém-graduada por aquela Universidade, o decisivo auxílio. Obrigado a você também, Valéria Lozar Ulian. Nosso reconhecimento ao Instituto Dostoiévski de Belo Horizonte, que nos franqueou a sua biblioteca.